

MICHAEL LEWIS

BOOMERANG

**Uma viagem pelos países
do Novo Terceiro Mundo: A Europa**

Boomerang
Travels in the New Third World

Tradução de
Maria João Camacho



Conteúdos

| | |
|--|------------|
| PREFÁCIO > A GRANDE APOSTA | 9 |
| CAPÍTULO 1 > WALL STREET NA TUNDRA | 21 |
| CAPÍTULO 2 > E INVENTARAM A MATEMÁTICA | 55 |
| CAPÍTULO 3 > O PECADO ORIGINAL DA IRLANDA | 89 |
| CAPÍTULO 4 > AS VIDAS SECRETAS DOS ALEMÃES | 131 |
| CAPÍTULO 5 > DEMASIADO GORDO PARA VOAR | 163 |
| AGRADECIMENTOS | 199 |

Wall Street na tundra

Pouco depois do dia 6 de outubro de 2008, quando a Islândia entrou, efetivamente, em falência, falei com um homem do Fundo Monetário Internacional que tinha sido enviado a Reiquejavique para averiguar a viabilidade de emprestarem dinheiro, de forma responsável, a um país que entrara em bancarrota de um modo verdadeiramente espetacular. Nunca antes estivera na Islândia, não conhecia nada sobre o país e disse que precisava de um mapa para se orientar. Tinha passado toda a vida a negociar com países famosos pelo seu desespero, na sua maioria africanos, e em perpétuo confronto com um qualquer tipo de problema financeiro. Tendo em conta a sua experiência, a Islândia era uma perfeita novidade: tratava-se de um país de seres humanos extremamente prósperos (em 2008, tinha ficado classificado em primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas), com boa formação académica e tradicionalmente racionais, que se tinham organizado para cometer um dos maiores atos isolados de loucura na história financeira. “É preciso que se entenda que a Islândia já não é um país, mas um *hedge fund*”, referiu. Um país desprovido de uma experiência imediata – ou até mesmo de uma memória distante – de grandes finanças tinha contemplado o exemplo de Wall Street e pensara: “Podemos fazer isto.” E por momentos até parecia que era possível. Em 2003, os três maiores bancos da Islândia tinham ativos de apenas uns quantos milhares de milhões de dólares, cerca de 100 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) do país. Ao longo dos três anos e meio que se

seguiram, os ativos dos bancos aumentaram para 140 mil milhões de dólares e estavam tão acima do PIB da Islândia que não fazia sentido calcular a percentagem que representavam. Foi, como me explicou um economista, “a mais rápida expansão de um sistema bancário verificada em toda a história da Humanidade”.

Na mesma altura, e em parte porque os bancos também estavam a emprestar dinheiro aos islandeses para comprarem ações e propriedades, o valor das ações e das propriedades islandesas disparou. Entre 2003 e 2007, enquanto o valor do mercado bolsista norte-americano duplicou, o valor do mercado bolsista islandês multiplicou nove vezes. Os preços das propriedades em Reiquejavique triplicaram. Em 2006, as famílias islandesas da classe média estavam três vezes mais ricas do que tinham estado as famílias da classe média em 2003 e toda esta riqueza estava ligada, de uma forma ou de outra, ao novo setor do investimento bancário. “Todas as pessoas estavam a aprender o que era o modelo Black-Scholes” (o modelo de fixação de preços das opções), conta Ragnar Arnason, professor de Economia das Pescas, na Universidade da Islândia. “As faculdades de Engenharia e de Matemática estavam a oferecer cursos de Engenharia Financeira. Tínhamos centenas e centenas de pessoas a estudar Finanças.” Isto num país que tem o tamanho de Kentucky, mas com uma população inferior à grande Peoria, no Illinois¹, que não tem instituições financeiras globais, nem uma universidade inteiramente dedicada à formação de centenas de especialistas em finanças, nem tão-pouco tem moeda própria. Não obstante, o mundo estava a levar a Islândia muito a sério. (Em março de 2006, um dos títulos principais do *Bloomberg News* dizia: ““THOR”², O TUFÃO BILIONÁRIO DA ISLÂNDIA, DESAFIA OS EUA COM HEDGE FUND”.)

A ambição financeira global revelou ter um lado negativo. Quando os seus três grandes bancos, novos em folha e de dimensão global, faliram, os 300 mil islandeses descobriram que tinham algum tipo de responsabilidade nos 100 mil milhões de dólares que os bancos

1. A Islândia tem cerca de 320 mil habitantes e 103 mil quilómetros quadrados. (N. da T.)

2. Björgólfur Thor Björgólfsson, empresário islandês, considerado o primeiro bilionário do país. (N. da T.)

tinham perdido – o que correspondia a sensivelmente 330 mil dólares por cada islandês, homem, mulher e criança. Além disso, registavam dezenas de milhares de milhões de dólares em perdas pessoais provocadas pela sua própria e bizarra especulação em moeda estrangeira e, ainda mais, pelo colapso do mercado bolsista islandês, que sofreu uma perda de 85 por cento. O valor exato, em dólares, do buraco financeiro islandês era, no essencial, impossível de determinar, uma vez que dependia do valor da coroa islandesa, uma moeda por norma estável, mas que também descera vertiginosamente e fora retirada do mercado pelo Governo – o que é certo é que era imenso.

A Islândia tornou-se, de imediato, no único país do mundo para o qual os americanos podiam apontar o dedo e dizer: “Bem, pelo menos não fizemos *aquilo*.” No fim de contas, os islandeses acabaram por acumular dívidas que equivaleram a 850 por cento do seu PIB. (Os Estados Unidos, quando se encontraram afogados numa dívida, atingiram 350 por cento.) Por maiores e mais importantes que, de forma absurda, as instituições financeiras de Wall Street se tenham tornado para a economia norte-americana, a dívida nunca se tornou tão grande ao ponto de o resto da população não conseguir, em caso de emergência, salvá-las. Cada um dos três bancos islandeses sofreu perdas que foram demasiado pesadas para o país conseguir suportá-las; juntas eram tão ridiculamente desproporcionadas que, poucas semanas depois do colapso, um terço da população declarou, em entrevistas para sondagens de opinião, estar a ponderar emigrar.

Em apenas três ou quatro anos, toda uma nova forma de vida económica tinha sido enxertada nesta sociedade coletivista estável e o enxerto tinha dominado por completo o seu hospedeiro. “Não passavam de um grupo de miúdos”, explicou o homem do FMI. “Nesta sociedade igualitária, chegaram vestidos de preto, e começaram a fazer negócios.”

A CERCA DE 800 QUILÓMETROS a Noroeste da Escócia, o avião da Icelandair aterriza e dirige-se para um terminal que ainda tem pintado o logótipo do Landsbanki – um dos três bancos islandeses falidos juntamente com o Kaupthing e o Glitnir. Tento encontrar uma metáfora

para aquele crescente reservatório mundial de patrocínios de empresas financeiras defuntas – a água que fica na mangueira de regar o jardim assim que se corta a pressão? –, mas antes mesmo de conseguir terminá-la, o homem que se encontrava sentado atrás de mim estica-se para retirar o saco que está guardado no compartimento superior e dá-me um enorme encontrão. Em breve perceberei que os machos islandeses, tal como as morsas, os carneiros e outros mamíferos com chifres, consideram estas colisões necessárias à luta pela sobrevivência. Irei descobrir, igualmente, que este macho islandês em particular é um alto funcionário da Bolsa de Valores da Islândia. Neste momento, porém, só sei que um homem de meia-idade, que enverga um fato caro, resolveu chocar contra as pessoas sem se dar ao trabalho de pedir desculpa ou de oferecer uma explicação. Fico a remoer naquele ato de hostilidade aparentemente desnecessário até ao controlo de passaportes.

É possível aprendermos muito sobre um país observando a forma como os locais se tratam melhor a si próprios do que aos estrangeiros à chegada. Que fique claro que os islandeses não fazem qualquer tipo de distinção. Por cima da cabine de controlo, vê-se um letreiro que diz simplesmente TODOS OS CIDADÃOS e o que pretendem dizer com isso não é “Todos os Cidadãos Islandeses” mas “Todos os Cidadãos de Qualquer Lado”. Todos os passageiros eram de algum lado, como tal, todos nos colocámos na mesma fila que conduzia ao indivíduo que se encontrava por detrás do vidro. Antes que eu pudesse dizer “terra de contradições”, já ele fingia examinar o passaporte e fazia um gesto para que eu passasse.

Em seguida, atravesso uma paisagem escura de rocha vulcânica salpicada de neve, que poderá ou não ser rocha lunar, mas que tem um aspeto tão idêntico ao que se esperava vir a encontrar na Lua, que os especialistas da NASA a usaram para aclimatar os astronautas antes da primeira missão à Lua. Uma hora mais tarde, chegamos ao Hotel 101, propriedade da mulher de um dos mais famosos banqueiros falidos da Islândia. Apesar do nome enigmático (101 é o código postal da zona mais abastada da cidade), é imediatamente reconhecível: um moderníssimo hotel de Manhattan. Funcionários vestidos de preto, arte incompreensível pendurada nas paredes, livros de moda

nunca antes folheados pousados em cima de mesas de centro não utilizadas – tudo contribui para aumentar a ansiedade social de um provinciano, à exceção da última edição do *New York Observer*. É o tipo de hotel onde os banqueiros ficam hospedados porque julgam que é aí que os artistas também ficam. Em 2008, o Bear Sterns organizou no hotel uma reunião de gestores de *hedge fund* britânicos e norte-americanos, para tentar apurar qual o montante de dinheiro que poderia ser arrecadado com investimentos no colapso da Islândia. (Muito!) O hotel, em tempos lotado, está agora vazio, tendo apenas ocupados seis dos seus 38 quartos. O restaurante também se encontra vazio, assim como as pequenas mesas e os pequenos recantos que em tempos levavam as pessoas que aí não se encontravam hospedadas a maravilharem-se perante os hóspedes. Um Holyday Inn falido seria igualmente deprimente; já um hotel Ian Schrager é trágico.

Desaparecidos de vez os homens do mundo da finança que em tempos pagavam uma exorbitância para ali ficarem hospedados, é-me dado, por metade do preço, um quarto espaçoso, situado no último andar, com vista sobre a cidade antiga. Aconchego-me entre sedosos lençóis brancos, pego num livro sobre a economia da Islândia – escrito em 1995, antes da loucura dos bancos, quando o país pouco mais tinha para vender ao mundo do que peixe fresco – e leio esta frase notável: “Os islandeses revelam uma certa desconfiança relativamente ao sistema de mercado enquanto pedra angular da organização económica, em especial no que toca às suas implicações em termos distributivos.”

É então que têm início uns estranhos ruídos.

Primeiro, é o bater da estrutura de uma cama contra a parede, seguido de vários gemidos e gritos agudos. O casal do quarto ao lado regressara para pernoitar. Os seus ruídos aumentam de volume, mas o que é estranho é que, independentemente de se tornarem mais altos e de os ouvir com clareza, as palavras que pronunciam permanecem incompreensíveis. Tornando-se impossível concentrar-me em *The Icelandic Fisheries* [A Pesca Islandesa], tento imitar os sons que me chegam através da parede – mas ao tentar fazê-lo, a minha língua começa a fazer movimentos como nunca antes fizera. Os sons vindos

do outro lado da parede são parecidos com os que emite o *hobbit* Stoor em *O Senhor dos Anéis: Gollum... Gollum!... Mordor... Mordor!* Até que percebo: é apenas islandês.

Em seguida, chega-me um guincho penetrante, vindo do extremo oposto do quarto. Salto da cama para examinar a situação. É o aquecimento, que se assemelha ao som de uma chaleira deixada ao lume durante demasiado tempo, tentando controlar-se. Na Islândia, o aquecimento não funciona da forma como estamos habituados, mas sim através do calor retirado diretamente do solo. O estado normal da água é a esquentar. Todos os anos, os trabalhadores que estão envolvidos em reparações na rua cortam o fornecimento da água fria que é utilizada para temperar a água quente e alguns islandeses desgraçados são praticamente cozidos vivos durante o duche. E o calor retirado da terra e libertado no meu quarto é tão poderoso, que deve haver algum mecanismo grande, opressivo e ofegante a impedi-lo de me cozinhar.

Por fim, vindo do exterior, chega-me o som de uma explosão.

Bum!

Depois outra.

Bum!

COMO NOS ENCONTRAMOS em meados de dezembro, o sol aparece, ligeiramente, por volta das 10h50 e põe-se, com entusiasmo, por volta das 15h44. É óbvio que isto é melhor do que não ter sol nenhum, mas subtilmente pior, uma vez que nos leva a pensar que podemos simular uma vida normal, e de normal este lugar não tem nada. Esta noção é reforçada por um islandês de 26 anos, aqui designado por Magnus Olafsson, que, apenas umas semanas antes, estava a ganhar perto de um milhão de dólares por ano, negociando divisas para um dos bancos. Alto, cabelo louro quase branco e bonito, Olafsson tem, tal e qual, a aparência que se espera de um islandês – que é o mesmo que dizer que não se parece em nada com a maioria dos islandeses, que têm cabelo castanho-baço e são atarracados. “A minha mãe tem uma reserva de comida suficiente para abrir uma mercearia”, conta, acrescentando em seguida que, desde a falência, Reiquejavique está tensa e apreensiva.

Dois meses antes, no início de outubro, quando o mercado para a coroa islandesa se esgotou, Magnus escapuliu-se da sua mesa de transações, dirigiu-se ao funcionário do banco, retirou o máximo de dinheiro estrangeiro que lhe foi permitido e enfiou-o num saco. “Naquele dia, por todo o centro da cidade, só se viam pessoas a transportar sacos”, recorda. “Nunca se vê ninguém com sacos no centro da cidade.” À saída do trabalho, regressou a casa com o seu saco de dinheiro e escondeu o conteúdo – cerca de 30 mil dólares em ienes, dólares, euros e libras esterlinas – num jogo de tabuleiro.

Antes de outubro, os banqueiros com nomes sonantes eram verdadeiros heróis; agora, estão no estrangeiro ou vivem escondidos. Antes de outubro, Magnus considerava que a Islândia estava essencialmente livre de perigo; agora, imagina hordas de assaltantes estrangeiros encaminhando-se na direção do país com o intuito de pilharem o seu jogo de tabuleiro – como tal, recusa-se a deixar-me usar o seu nome verdadeiro. “Imagine que em Nova Iorque sabem disto. É muito possível que enviem aviões cheios de assaltantes”, teoriza. “A maior parte das pessoas tem as suas poupanças guardadas em casa.” Como ele já se mostra angustiado, falo-lhe das perturbadoras explosões no exterior do meu hotel. “É verdade”, confirma, com um sorriso. “Ultimamente, têm-se incendiado muitos Range Rovers.” E passa a explicar.

Ao longo dos últimos anos, um vasto número de islandeses envolveu-se na mesma especulação desastrosa. Com as taxas de juro locais a 15,5 por cento e a coroa islandesa a subir, decidiram que o melhor que tinham a fazer, quando pretendiam comprar alguma coisa para a qual não dispunham de dinheiro, era contrair um empréstimo não em coroas islandesas, mas em ienes ou francos suíços. Pagavam três por cento de juros sobre os ienes e, paralelamente, acabavam por fazer um dinheirão com a transação da moeda, uma vez que a coroa islandesa continuava a subir. “Os tipos das pescas descobriram este negócio e aumentaram-no grandemente”, prossegue Magnus. “Fizeram tanto dinheiro com ele que a questão financeira acabou por suplantar o peixe.” E fizeram, com efeito, tanto dinheiro, que a ideia se estendeu aos amigos deles.

Deve ter parecido uma coisa facílima de fazer: comprar aquelas casas e aqueles carros caríssimos com dinheiro que, na verdade, era

pago para ser emprestado. Em outubro, porém, depois do colapso da coroa islandesa, o iene e o franco suíço que tinham de repor tornaram-se muito mais caros. Agora, muitos islandeses – em especial jovens islandeses – são proprietários de casas que valem 500 mil dólares, pelas quais estão a pagar hipotecas de 1,5 milhões de dólares, e de Range Rovers de 35 mil dólares, mas estão a braços com empréstimos na ordem dos 100 mil dólares. Para o problema dos Range Rovers, existem duas soluções imediatas: uma delas é metê-los num barco, despachá-los para a Europa e tentar vendê-los por uma moeda que ainda tenha valor; a outra é pegar-lhes fogo e recolher o seguro – *Bum!*

As rochas que se encontram por baixo de Reiquejavique podem ser vulcânicas, mas a cidade parece ser sedimentária: por cima de vários estratos compactos de uma arquitetura que deveria ser rotulada de “Nórdico Pragmático”, encontra-se uma fina camada que, um dia, certamente ficará conhecida por “Capitalista Imbecil”. Os edifícios, de escala “hobbitiana”, que albergam o Governo islandês, são encantadores e estão em harmonia com a cidade. Já o mesmo não se poderá dizer das torres de vidro inacabadas, que começaram a ser construídas à beira-mar, para albergarem os novos-ricos do mundo da finança, e que agora impedem todos os outros de verem os promontórios brancos que se encontram do outro lado do porto.

A MELHOR FORMA de conhecer qualquer cidade é percorrê-la a pé mas, para onde quer que me dirigisse, havia islandeses a darem-me encontros sem sequer pedirem desculpa. Resolvi, então, apenas por diversão, percorrer, nos dois sentidos, a principal artéria comercial da cidade, sem nunca me desviar, para ver se algum macho islandês manifestava intenção de se desviar, ou se preferia chocar contra mim. Nada. Nas noites de folia – terças-feiras, sextas-feiras e sábados –, quando metade do país parece considerar que embebedar-se até ficar inconsciente e depois vaguear pelas ruas até à hora a que o sol deveria nascer é uma obrigação profissional, o problema agudiza-se especialmente. Os bares permanecem abertos até às cinco da madrugada e a energia frenética com que as pessoas transpõem as suas portas parece

mais trabalho do que o próprio trabalho. A poucos minutos de entrar num clube noturno chamado Boston, sou atingido por um *troll* barbudo que, segundo me contam, gere um *hedge fund* islandês. Assim que consigo recompor-me, sou de novo abalroado por um alto funcionário do Banco Central que se encontra embriagado. Talvez por estar embriagado ou então porque tínhamos estado reunidos umas horas antes, ele para para me dizer: “Nós tentámos explicar-lhes que o nosso problema não era de *solfabilidade*, mas de *likvidês*, mas eles não concordaram.” Depois afasta-se a cambalear. Foi exatamente o que o Lehman Brothers e o Citigroup disseram: se ao menos nos dessem dinheiro para nos aguentarmos, sobreviveríamos a este pequeno sobressalto.

Um país tão minúsculo e homogéneo onde praticamente todas as pessoas se conhecem umas às outras é tão substancialmente diferente de tudo aquilo em que possamos pensar quando ouvimos a palavra “país,” que quase exige uma nova classificação. Na verdade, é mais uma família muito extensa do que propriamente um país. Por exemplo, os islandeses são, na sua maioria e por defeito, membros da Igreja Luterana. Se quiserem deixar de ser luteranos, têm de escrever ao Governo e só então podem desistir; por outro lado, mediante o simples preenchimento de um formulário, podem iniciar o seu próprio culto e receber um subsídio. Outro exemplo: a lista telefónica de Reiquejavique apresenta todos os assinantes pelo nome próprio, uma vez que existem apenas cerca de nove apelidos em toda a Islândia e são formados pela adição dos sufixos “son” ou “dóttir” ao nome do pai. É difícil perceber em que medida é que esta clarificação interessa, uma vez que parecem existir também apenas cerca de nove nomes próprios na Islândia. Mas se pretendermos revelar o pouco que sabemos sobre a Islândia, basta referirmo-nos a alguém que se chame Siggor Sigfússon por “Sr. Sigfússon,” ou Kristin Pétursdóttir por “Sr.^a Pétursdóttir.” De qualquer maneira, numa conversa, espera-se que todas as pessoas saibam de quem estamos a falar, pelo que nunca se ouve ninguém perguntar: “A que Siggor se está a referir?”

Dado que a Islândia é apenas uma família alargada, é extremamente incomodativo alguém andar atrás das pessoas a perguntar se

conhecem a Björk. É claro que conhecem a Björk; quem é que *não* conhece a Björk? Quem, na verdade, não conhece a Björk desde que ela tinha dois anos? “Sim, conheço a Björk”, responde à minha pergunta, num tom de enfado, um professor de Finanças da Universidade da Islândia. “Ela não sabe cantar, conheço a mãe dela desde criança e são ambas tresloucadas. O facto de ela ser tão conhecida fora da Islândia diz-me mais sobre o mundo do que sobre a própria Björk.”

Uma das vantagens de se viver num país que mascara uma família alargada é o facto de não ser necessário explicar nada; já todos sabem tudo o que é preciso saber. Depressa descubro, por exemplo, que é uma perda de tempo, ainda maior do que o habitual, pedir indicações. Assim como se espera que saibamos de que Bjornjolf se está a falar em determinada altura, também se calcula que saibamos em que ponto do mapa nos encontramos. Dois adultos – um deles banqueiro e cujo escritório se situa a três quarteirões – não são capazes de me dizer onde fica o gabinete do primeiro-ministro. Outros três adultos, todos eles abordados a uma distância de três quarteirões da Galeria Nacional da Islândia, não fazem ideia de onde esta se situa. Quando digo à amável senhora de meia-idade que se encontra ao balcão do Museu Nacional que me parece que nenhum islandês sabe onde fica o museu, ela responde: “Na verdade, ninguém sabe nada sobre o nosso país. Na semana passada, recebemos a visita de um grupo de estudantes de liceu islandeses e, quando o professor lhes pediu que referissem o nome de um pintor islandês do século XIX, nenhum foi capaz de responder. Nem um! Chegando a haver quem arriscasse ‘Halldór Laxness?’!” (Laxness foi o vencedor do prémio *Nobel* da Literatura em 1955, a mais alta distinção internacional recebida por um islandês até aos anos 80, altura em que duas islandesas, numa rápida sucessão, arrecadaram o título de *Miss Mundo*.)

O MUNDO ESTÁ agora pontilhado de cidades que se sentem como que em cima de explosivos. As bombas ainda não explodiram, mas os rastilhos já foram acesos e não há nada que alguém possa fazer para os extinguir. Ao percorrermos Manhattan, antes do colapso do Lehman

Brothers, víamos lojas vazias, ruas vazias e, mesmo em dias de chuva, táxis vazios; as pessoas tinham fugido antes de a bomba explodir. Em Reiquejavique vivia-se a mesma sensação de condenação incipiente, mas o rastilho ardia de forma estranha. O Governo ordenou uma indemnização por despedimento por um período de três meses; como tal, muitos banqueiros despedidos foram pagos até ao início de fevereiro, altura em que o Governo prontamente caiu. Face a uma série de moedas estrangeiras, a coroa islandesa valia menos de um terço do valor que atingiu no seu *boom*. Como os islandeses importam tudo menos calor e peixe, o preço de quase tudo estava, em meados de dezembro, prestes a disparar. Uma amiga recente que trabalha para o Governo contou-me que se dirigiu a uma loja para comprar uma lâmpada e que o funcionário a informou de que tinha vendido a última das lâmpadas que ela pretendia, mas que poderia mandar vir uma da Suécia, especialmente para ela – quase pelo triplo do preço antigo.

Ainda assim, uma sociedade que ficou arruinada de um dia para o outro não parecia muito diferente do que estava na véspera, quando ainda acreditava estar mais rica do que nunca. O Banco Central da Islândia era um bom exemplo. É quase certo que a Islândia irá adotar o euro e, por conseguinte, a coroa islandesa irá desaparecer. Sem ela, o Banco Central deixa de ter necessidade de manter a estabilidade da moeda local e de controlar as taxas de juro. No seu interior, David Oddsson, o arquiteto da ascensão e da queda da Islândia, agita-se. Na década de 1980, Oddsson deixara-se encantar por Milton Friedman, o brilhante economista que foi capaz de convencer mesmo aqueles que viveram a vida a trabalhar para o Governo de que o Governo era um desperdício de vida. Como tal, Oddsson partiu numa demanda para conceder aos islandeses a sua liberdade, entendendo como tal a libertação de todo o controlo governamental. Como primeiro-ministro, baixou os impostos, privatizou a indústria, liberalizou o comércio e, por último, em 2002, privatizou os bancos. Por fim, desgastado pelo desempenho do cargo de primeiro-ministro, autoneomeou-se governador do Banco Central – apesar de não ter experiência nenhuma na banca e de ser, por formação, poeta.

Depois do colapso, este discípulo de Milton Friedman fechou-se no seu gabinete no interior do banco, declinando todos os pedidos de

entrevista. Altos funcionários do Governo contam-me, com seriedade, que suspeitam de que ele passa a maior parte do tempo a escrever poesia. (Em fevereiro de 2009, um novo Governo convidou-o a sair.) No exterior, contudo, o Banco Central da Islândia continua a ser um elegante templo negro recortado no fundo branco dos penhascos que se encontram do outro lado do porto. Homens de aspeto sóbrio continuam a entrar e a sair. Rapazinhos de trenó descem a alta velocidade a colina que fica junto ao edifício, totalmente alheios ao facto de estarem a brincar no epicentro da calamidade global. Tudo parece igual ao que era antes do colapso, no entanto, não podia estar mais diferente. O rastilho continua a arder, avançando na direção da bomba.

Quando Neil Armstrong deu o seu primeiro passo para fora da *Apolo 11* e olhou em volta, deve ter pensado: *Parece mesmo a Islândia* – embora a Lua não se parecesse em nada com a Islândia. No entanto, ele era um turista e os turistas acabam sempre por ficar com uma ideia distorcida dos lugares que visitam, não só porque conhecem pessoas que não são representativas e têm experiências que não são representativas, mas também porque, ao percorrerem o país, não conseguem desligar-se das fantásticas imagens mentais preconcebidas que traziam à chegada. Quando a Islândia se tornou uma turista no mundo da alta financia global, deparou-se com o mesmo problema que Neil Armstrong.

Os islandeses encontram-se entre os seres humanos em que se verifica uma maior consanguinidade – é costume os geneticistas recorrerem a eles para pesquisas. Habitaram a sua remota ilha durante 1100 anos sem manifestarem grande interesse por coisas como *leveraged buyouts* (LBOs)¹, aquisições hostis, negociações derivadas ou até mesmo pequenas fraudes financeiras. Quando, em 2003, se sentaram à mesma mesa com representantes do Goldman Sachs e do Morgan Stanley tinham apenas uma vaga ideia do que fazia um banqueiro de investimento e de como se comportava – e a maioria desses conhecimentos tinha sido adquirida por jovens islandeses em várias escolas de gestão norte-americanas. Como tal, o que fizeram

1. Aquisição de uma empresa essencialmente com recurso a endividamento, que é garantido pelas ações adquiridas. (N. da T.)

com o dinheiro diz tanto sobre a alma americana, por volta de 2003, como sobre os islandeses. Estes, por exemplo, compreenderam de imediato que o mundo da finança tinha mais a ver com a troca de pedaços de papel do que com empresas produtivas. E quando emprestavam dinheiro, não se limitavam a promover o setor empresarial, financiavam também amigos e familiares, de modo a poderem comprar e ser proprietários de bens como verdadeiros banqueiros de investimento: condomínios em Beverly Hills, centros comerciais e equipas de futebol no Reino Unido, companhias aéreas e empresas de comunicação social na Dinamarca, bancos noruegueses e centrais elétricas na Índia.

A grande lição financeira dos americanos que os islandeses levaram realmente a sério foi esta: a importância de comprar, com dinheiro emprestado, o maior número possível de ativos, uma vez que o seu preço só tende a aumentar. Por volta de 2007, os islandeses eram proprietários de ativos estrangeiros num montante 50 vezes superior ao de 2002. Compraram jatos privados e terceiras casas em Londres e Copenhaga. Pagaram vastas somas de dinheiro por serviços que ninguém na Islândia tinha, até então, imaginado sequer precisar: “Um indivíduo contratou Elton John para ir à Islândia cantar duas canções na sua festa de anos, tendo-lhe pagado para o efeito um milhão de dólares”, conta-me, ainda incrédulo, Steingrímur Sigfússon, o líder do Movimento da Esquerda Verde. “E, segundo consta, não cantou especialmente bem.” Houve gente que comprou ações de empresas de negócios que não conhecia e que não se coibiu de dizer às pessoas que os geriam aquilo que elas deviam fazer – tal como faria um verdadeiro banqueiro de investimento americano! Refira-se, a título de exemplo, o caso de uma empresa de investimento chamada FL Group – um dos principais acionistas do banco Glitnir –, que comprou 8,25 por cento das ações da empresa-mãe da American Airlines. Na verdade, ninguém no FL Group tinha gerido uma companhia aérea; ninguém no FL Group tinha sequer experiência de trabalho numa companhia aérea. Mas isso não impediu o FL Group de dizer à American Airlines como se geria uma companhia aérea. Depois de ter observado de perto a companhia durante um longo período de tempo, o CEO do FL Group, Hannes Smárason, licenciado

pela Sloan School do MIT (Massachusetts Institute of Technology), foi citado como tendo declarado, em comunicado à imprensa, pouco depois de ter comprado as ações, o seguinte: “As nossas sugestões incluíram a conversão dos ativos em dinheiro [...] que possa ser utilizado para reduzir a dívida ou constituir um retorno de capital para os acionistas.”

Os islandeses também não se mostraram particularmente exigentes nas suas aquisições. Falei com uma empresa de *hedge fund* de Nova Iorque que, no final de 2006, descobriu aquilo que lhe pareceu uma vítima indefesa: um banco escandinavo fragilizado que estava a ficar progressivamente mais fraco. O banco estabeleceu uma posição curta e depois, vindo do nada, surgiu o banco Kaupthing para adquirir dez por cento de ações desta empresa que estava em vias de sucumbir, o que fez com que o preço das ações atingisse níveis absurdos. Falei com outra empresa de *hedge fund*, em Londres, que ficou tão perplexa com o número elevado de péssimos LBOs que os bancos islandeses estavam a financiar, que contratou investigadores particulares para tentarem descobrir o que estava a acontecer no sistema financeiro islandês. Os investigadores apresentaram um gráfico detalhado, uma verdadeira teia bizantina de entidades interligadas que se resumia ao seguinte: um punhado de indivíduos, na Islândia, totalmente desprovidos de experiência na área financeira, estava a contrair, no estrangeiro, empréstimos a curto prazo, no valor de dezenas de milhares de milhões de dólares. E estavam, depois, a emprestar esse mesmo dinheiro a si próprios e aos amigos para comprarem ativos – os tais bancos, as tais equipas de futebol, etc. Uma vez que os ativos estavam a aumentar em todo o mundo – graças, em parte, a pessoas como estes lunáticos islandeses que estavam a pagar exorbitâncias por eles –, criava-se a ilusão de que estavam a ganhar muito dinheiro.

O gerente de uma outra empresa de *hedge fund* explicou-me o sistema bancário islandês da seguinte forma: você tem um cão e eu tenho um gato. Concordamos que cada um dos animais vale mil milhões de dólares. Você vende-me o cão por mil milhões e eu vendo-lhe o gato por mil milhões. Agora já não somos donos de animais de estimação, mas sim de bancos islandeses, com mil milhões de dóla-